Conservadorismo liberal, Antipetismo e o discurso ideológico do jornalista Paulo Francis (1980-1990)

Laís Oliveira Nascimento[1]

Resumo

Este artigo teve por objetivo principal realizar uma análise do discurso ideológico do jornalista Paulo Francis na imprensa hegemônica nacional nos anos 1980-90. Tal análise se fez possível empregando-se a metodologia de Michael Freeden (1996). "A partir da história dos conceitos de Reinhart Koselleck, tal metodologia entende as ideologias como discursos estruturados a partir de conceitos cujos significados disputam entre si". (LYNCH, 2020).

Em resumo, o discurso deste jornalista pôde ser classificado ora como conservador ora como liberal, definindo-se basicamente como um discurso contrário à ascensão das massas ao poder político, econômico e cultural (discurso demofóbico). Tal ponto ficou claro e bem ilustrado a partir do forte conteúdo antipetista do discurso de Francis, sobretudo, durante as eleições de 1989.

Palavras-chave

Paulo Francis; antipetismo; conservadorismo liberal; demofobia; Nova Direita

[1]Mestra em Ciências Sociais pela UFJF-MG. Professora de Sociologia da Educação Básica pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE-MG).

Liberal conservatism, antipetism and journalist Paulo Francis´s ideological discourse

Abstract

The main objective of this article is to analyze the ideological discourse of journalist Paulo Francis in the national hegemonic press in the 1980s-90s. Such analysis was made possible through the methodology of Michael Freeden (1996). "Based on Reinhart Koselleck's history of concepts, it understands ideologies as structured discourses based on concepts, divided meanings they dispute with each other". (LYNCH, 2020).

In summary, this journalist's discourse can be classified either as conservative or as liberal, basically defined as a discourse against the rise of the masses to political, economic and cultural (demophobic discourse) power. This point was clear and well illustrated from the strong anti-PT content of Francis' speech, especially during the 1989 elections.

Keywords

Paulo Francis; antipetismo; liberal conservatism; demophobia

Introdução

Franz Paul Trannin da Matta Heilborn, mais conhecido como Paulo Francis, foi um jornalista brasileiro que se tornou célebre nas décadas de 1980-90 devido ao seu jeito único de falar com voz arrastada e inebriada, que emitia "frases curtas em *staccato*, definitivas e cínicas". (KUCINSKI , 2000)

Sua carreira jornalística teve início nos finais dos anos 1950 como crítico de teatro e cultura[2], após uma breve, porém, profícua, carreira de ator e diretor teatral. Na década de 1960 tendo abandonado o jornalismo cultural e ingressado de vez no jornalismo político, Francis, paralelamente a outros trabalhos em outros periódicos, fez parte da fundação do semanário alternativo de humor *O Pasquim*[3] e "ideologicamente, era alinhado à esquerda e considerado um trotskista pela força dos seus argumentos e posição frente aos desequilíbrios do Regime Militar brasileiro e fatos internacionais, como a invasão do Vietnã pelos EUA". (RODRIGUES, 2016, p. 1)

É bastante conhecida a trajetória ideológica de rupturas e ambiguidades que o jornalista percorreu, sendo a mesma convergente nos anos 1980/90 com a trajetória de tantos outros intelectuais, que como Francis, se deslocaram da esquerda para a direita do espectro político.

No ano de 1971 sofrendo as consequências do AI-5 (o mais repressivo dos Atos Institucionais durante a Ditadura Militar) como ser preso quatro vezes, e impossibilitado de trabalhar livremente no Brasil, Francis, com uma ajuda financeira recebida pela Fundação Ford, se auto exila na cidade de Nova York onde trabalhará e viverá até o ano de seu falecimento em 1997.

No ano de 1975 é contratado para o jornal brasileiro *Folha de São Paulo*, primeiro como colaborador, depois como correspondente internacional a convite do jornalista Claudio Abramo – que naquele momento promovia uma grande re-

[2]Há um certo consenso entre os estudiosos de Paulo Francis de aqui neste período se encontra o melhor da sua produção escrita. Segundo o importante crítico de teatro brasileiro e membro da Academia Brasileira de Letras Sábato Magaldi "[...] E sem prejuízo do excelente jornalista que ele é, não obstante as posições melancólicas que defende com frequência, eu me pergunto se a sua crítica teatral não representa o que de melhor produziu". (MAGALDI, Sábato In: MOURA, George. Paulo Francis, o soldado fanfarrão. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996, p. 13, *Introdução*). Segundo Luís Augusto Fisher (1998) Francis era sim um grande ensaísta, um "gênio" das letras no Brasil. Segundo este autor no livro Opinião Pessoal – Cultura e política de Francis, em que versa sobre Brencht, Tchecov, Nelson Rodrigues, Guarnieri e Eric Bentley, publicado pela primeira vez em 1966 "há um ensaio sobre Shakespeare que é um assombro". (FISHER, 1998, p. 151)

[3]Criado em 1969 *O Pasquim* existiu durante boa parte da ditadura militar como periódico alternativo de humor e crítica ao governo brasileiro. Francis se juntou ao núcleo fundador já no primeiro ano de existência do jornal, "debutando" no número 6 com um texto sobre o Marquês de Sade. (AUGUSTO, Sérgio; JAGUAR. (Org.) *O melhor do Pasquim*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006

forma na Folha, transformando-a nos anos seguintes no jornal de maior tiragem do país. Na década de 1980 a coluna que escrevia na Ilustrada (caderno cultural da Folha) é batizada ironicamente pelo próprio Abramo com o título de Diário da Corte – um "espaço construído aos poucos, e que só pôde ser viável, do ponto de vista do polemismo ácido de Francis, depois que a abertura política deu sinais mais significativos a favor da liberdade de expressão, em especial a partir da extinção do AI-5, em 1978". (BATISTA, 2015, p. 187)

Enquanto escreveu na *Folha* Francis acompanhou, mesmo à distância, o processo lento e gradual da redemocratização brasileira pós-ditadura militar. Escrevendo de Nova York, mas com o olhar voltado para o Brasil, fora influenciado por este contexto da década de 1980

> marcado por um intenso processo de mobilização popular, em particular da classe trabalhadora [...] do qual a criação do Partido dos Trabalhadores (PT) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT) foram dois dos frutos mais notáveis. [...] Um dos momentos-chave desse enfrentamento se deu na Assembleia Nacional Constituinte (ANC), entre 1987- 1988, quando as direitas se mobilizaram, por meio da atuação de um grupo de políticos que ficou conhecido como "centrão", para barrar as propostas de reforma social mais avançadas que vinham da esquerda. (KAYSEL, 2015, p. 68)

Além disto, o período da Abertura Política (ou redemocratização política 1974-1989) me parece ser o início da formação de um amálgama ideológico novo entre conservadorismos e liberalismos no Brasil, ocorrido com maior intensidade no final da década de 1980 a partir da "recomposição das direitas em torno de um novo bloco econômico e político, o neoliberalismo" – (FRIDERICHS, 2016, p. 110) o que dará o novo tom do liberalismo no país, agora fortemente voltado aos interesses do mercado e às questões econômicas. Segundo Friderichs (2016), a preocupação das classes empresariais neste momento era justamente que com a redação de uma nova Constituição e "um processo eleitoral mais amplo, seus interesses poderiam perder espaço frente a projetos ligados a grupos de esquerda" (FRIDERICHS, 2016, p. 110).

Internacionalmente, há a conjuntura e influência americanas, a partir da qual Francis encontrava-se em seu centro, – lendo e "respirando" autores da épo-

ca ou que estavam sendo bastante lidos na época como Friedrich Hayek, Daniel Bell[4] e Daniel Patrik Moynihan[5] – de surgimento de um novo conservadorismo, movimento político também chamado pela advogada Marina Basso Lacerda (2019) de Nova Direita ou coalização neoconservadora. Neste momento os EUA passam por um "*boom*" do pensamento conservador sendo um país que historicamente se formou sobre bases políticas liberais, mas até aquele momento jamais conservadoras no sentido clássico. (JUDT, 2010) Segundo Robert Nisbet (1987) a eleição de Ronald Reagan (1981-1989) deve ser vista como o toque final e máximo de um longo processo que vinha sendo gestado algumas décadas antes.

Inserido, pois, neste contexto descrito acima, como classificar ideologicamente o jornalista Paulo Francis? É o que tentarei fazer nas próximas linhas antes de entrar na análise efetiva das colunas escritas por Francis em seu *"Diário da Corte"* nas décadas de 1980/90.

As origens e o significado de conservadorismo liberal

Neste trabalho, entendo as ideologias políticas como

> um conjunto de ideias, crenças, opiniões e valores que: (i) possui um padrão recorrente; (ii) é sustentado por grupos relevantes; (iii) é utilizado nas disputas em torno da adoção de planos para políticas públicas; (iiii) e que procura justificar, contestar ou mudar arranjos sociais e econômicos (FREEDEN, 2003, p. 32 *apud* ROCHA, 2019, p. 43).

Além disto, e não menos importante, para Freeden (1996) existem basicamente cinco grandes ou macro ideologias (liberalismo, conservadorismo, socia-

[4]Foi um pensador muito influente durante as décadas de 1960 e 1970, principalmente com obras sobre o pós-industrialismo e a tese do fim das ideologias. Sua obra, até hoje, representa um marco nas discussões em economia, sociologia e economia política". (Fonte: Wikipédia)

[5]"Foi um político e sociólogo americano, membro do Partido Democrata e um dos maiores autores neoliberais contemporâneos no final do século XX e início do século XXI." (Fonte: Wikipédia)

lismo, fascismo e comunismo) que se formaram ao longo do século XX e a partir das quais surgem outras, menores e ramificadas, as quais ele chama de ideologias modulares. Dentre estas últimas estariam o neoliberalismo ou libertarianismo econômico, o neoconservadorismo, o ultraliberalismo, e o próprio conservadorismo liberal.

A definição de liberalismo adotada nesta pesquisa, além da já mencionada definição de macro ideologia a partir da qual muitas outras se formaram, tal como trazido por Freeden (1996), também será a mesma do cientista político Wanderley Guilherme dos Santos (1998) para quem, estando "o conjunto de liberdades básicas" já pertencendo

> à herança civilizatória e não se enquadrando exclusivamente em nenhum credo político [...] o liberalismo indica certa visão de como sociedade e governo deviam ser organizados em oposição ao controle religioso da sociedade e ao estabelecimento da agenda de prioridades públicas por qualquer poder transcendente à sociedade. [...] Além disto, como liberal alguém pode ser considerado altamente progressista, e também por liberal, pode-se muitas vezes ser visto como inabalável conservador. (SANTOS, 1998, p. 10)

Ou seja, considera-se aqui não só o liberalismo, mas também qualquer outra ideologia política como situacional,

> servindo de adjetivo a indivíduos que as portam, mas tornando-se algo impreciso, fluido e limitador se não forem contextualizadas devidamente. Os indivíduos, ao portarem estas categorias, adaptam-nas a contextos e situações muito específicos, sem contar que, se tratando de termos políticos, é muito frequente que as palavras que hoje são usadas com um sentido tal historicamente em sua origem carregavam outro que inclusive anula seu sentido atual. (OLIVEIRA, 2017, p. 18)

Em livro, finalista do prêmio Jabuti 2020 na categoria Ciências Sociais, Marina Basso Lacerda (2019), adota uma definição de conservadorismo também

situacional, e que será a mesma adotada neste trabalho, baseada no conceito proposto por Samuel Huntington (1957) em que

> a ideologia conservadora se desenvolve em uma situação histórica na qual um desafio importante aparece contra as instituições estabelecidas. Assim, o conservadorismo é aquele sistema de ideias empregadas para justificar qualquer ordem social estabelecida, não importa onde ou quando, contra qualquer desafio fundamental para a sua natureza ou ser. Isso não significa que o conservadorismo se oponha a qualquer mudança. Mudanças secundárias são aceitas, vistas até mesmo como necessárias para preservar os elementos fundamentais de uma sociedade. (HUNTINGTON, 1957, p. 455 *apud* BASSO, 2019, p. 24)

As definições podiam parar por aqui, porém definir apenas liberalismo e conservadorismo não é o suficiente para entender a complexidade do movimento político que me parece surgir no Brasil com o fim da ditadura Militar, e que talvez, o jornalista Paulo Francis foi um dos seus primeiros expoentes. Resta, então, ainda definir o que são neoliberalismo, ultraliberalismo e neoconservadorismo.

Para o cientista político Christian Lynch (2020), em definição que será adotada neste trabalho, o neoliberalismo é uma "variante conservadora do liberalismo", tendo surgido em oposição ao que compreende como liberalismo democrático. Ainda segundo este autor

> do ponto de vista formal, o neoliberalismo pode ser assim compreendido como um *híbrido de liberalismo e de conservadorismo*. [...] Seu primeiro grande formulador foi o filósofo britânico Herbert Spencer que, a título de preservar a dimensão oligárquica do liberalismo, desenvolveu em escritos como *O* indivíduo contra o Estado (1884) uma versão "científica" da doutrina, destinada à preservação do Estado mínimo e do governo das elites. (LYNCH, 2020, com grifos meus)

Ainda para Lynch (2020) é somente após a segunda Guerra Mundial que

> o neoliberalismo ou libertarianismo econômico foi renovado pela chamada 'Escola Austríaca' de Ludwig von Mises e Friedrich Hayek. [...] Ambos reciclaram a doutrina de Spencer, substituindo a agora anacrônica ênfase na evolução da espécie como seu fundamento por outra, *centrada tão somente na autonomia do mercado*. (LYNCH, 2020, grifos meus)

Em tese escrita por Camila Rocha (2019), e eleita como a Melhor Tese de Doutorado no biênio 2017-2019 pela Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), é possível entender o ultraliberalismo como um estágio posterior ao neoliberalismo, sendo uma "ideologia política pró-mercado mais radical em comparação com o neoliberalismo". Com relação a esta ideologia, ainda segundo Rocha (2019), a utilização do prefixo *neo* não é gratuita "e marca uma mudança importante em relação ao *laissez-faire* do século XIX". Para esta autora, a partir de outros autores como os franceses Pierre Dardot e Christian Laval (2016),

> ao contrário do liberalismo laissez-faire, o neoliberalismo (AINDA) *defende um papel ativo do Estado como promotor do livre-mercado*. Ou seja, se para os adeptos do *laissez-faire* o Estado não deveria ter papel algum na regulação da economia, os neoliberais acreditam que o Estado deve atuar ativamente em sua regulação no sentido de criar um aparato jurídico-legal para fomentar o bom funcionamento do livre-mercado. (ROCHA, 2019, p. 46-47, com inclusões minhas)

O ponto mais importante da tese apresentada por Camila Rocha (2019) é que

> ainda que seja possível traçar várias continuidades da *nova direita* com o período anterior, tanto em termos de discurso como no que tange aos laços com organizações, redes internacionais e financiadores atuantes no passado, o surgimento de contra-públicos digitais na metade dos anos 2000, e de uma militância formada sobretudo por estudantes universitários e profissionais liberais de classe média, que utilizava um novo repertório de ação na sociedade civil e na esfera pública, possibilitaram o

> surgimento de um *amálgama ideológico inédito no Brasil entre ultraliberalismo e conservadorismo que serviu como base para os atores que chegaram ao poder com as eleições de 2018*. (ROCHA, 2019, p. 43-44, com grifos meus)

Em resumo, segundo toda esta referência citada, em termos históricos e contextuais, no período em tela (1980-90) há de um lado, a entrada definitiva do ideário neoliberal ao Brasil, através principalmente da atuação de *Think Thanks*[6], e de outro, a ascensão neoconservadora nos EUA, que só se concretizaria em termos políticos no Brasil algumas décadas mais tarde segundo Lacerda, 2019. Tal ascensão, contudo, já influenciava Francis uma vez que ali naquele país o jornalista se encontrava. Resta, então definir, este neoconservadorismo ou coalização neoconservadora. De maneira bastante resumida, tal ideologia reunia basicamente

> a) Defesa de valores morais religiosos e da família tradicional em reação ao feminismo e ao movimento LGBT (direita cristã); b) punitivismo ou rigor penal; c) o militarismo anticomunista; d) a defesa de Israel; e) o neoliberalismo. (LACERDA, 2019, p. 58, com inclusões minhas).

A partir das definições ideológicas acima, com relação à Paulo Francis, é possível concluir que este jornalista não era um autêntico neoconservador, mas possuía algumas defesas em comum com este movimento político, principalmente a defesa do neoliberalismo. Também não era ultraliberal. Então a melhor conceituação para ele me parece ser a de um conservador liberal. As razões para tal se dão porque:

6 - "Para divulgar e ampliar o entendimento sobre um determinado projeto para o país [...] foram fundados alguns institutos, conhecidos como *Think Thanks* (TTs) que passaram a congregar uma série de empresas e de dirigentes empresariais, com o objetivo de tornar coesas as propostas desse grupo e divulgar entre seus pares e para a sociedade em geral o neoliberalismo, que era apresentado como uma solução inovadora para os problemas que impediam o desenvolvimento dos países latinoamericanos. [...] Dois institutos tiveram importante papel na divulgação das ideias neoliberais no Brasil no contexto da redemocratização, foram eles o Instituto de Estudos Empresarias e o Instituto Liberal, ambos continuam atuando até os dias de hoje". (FRIDERICHS, 2016, p. 110-111-115)

a. Francis não apoiava o movimento feminista, até mesmo chegou a ridicularizar o movimento em alguns momentos principalmente com relação à autora Simone de Beauvoir, mas não tecia as suas críticas a partir de uma moral religiosa, muito menos cristã, mas a partir de um ponto de vista laico, portanto, liberal no sentido clássico. O mesmo vale para o movimento LGBT[7].

b. Francis era contra a pena de morte, e provavelmente seria contra a tese neoconservadora de que "bandido bom é bandido morto". Em 1990 (ideia que foi reforçada em 1994) escreveu: "havendo dúvida, sou contra a pena de morte. É só vingança, mas vingança não é um prato que se come frio" (FRANCIS, Paulo. Diário da Corte. *Folha de São Paulo*, Ilustrada, 12/05/1990)

c. Francis não se encaixaria bem com o adjetivo de militarista, mas sem dúvida que a partir do seu deslocamento da esquerda para a direita do espectro político se tornou abertamente um anticomunista. Tal conteúdo discursivo e ideológico será melhor analisado mais à frente, quando também da análise de seu conteúdo antipetista.

d. Francis dá algumas pistas sobre o assunto Israel, sempre seguidas de uma contextualização histórica bem fundamentada, não sendo possível ainda concluir sua opinião a respeito. Mas, à primeira vista, mesmo após o seu deslocamento ou conversão ideológica, parece que o jornalista não se posicionava a favor da causa sionista. Assim escreveu: "Comecei na imprensa furibundamente pró-israelense. [...] Depois da guerra de 1967, resolvi me informar por completo sobre o assunto, e, SHAZAM, me tornei furibundamente pró-palestino". (FRANCIS, Paulo. Modas. *Folha de São Paulo*, Ilustrada, 15/12/1988)

e. Certamente que Francis possa ser classificado como neoliberal, mas não como ultraliberal, uma vez que, na definição de neoliberalismo adotada acima, este ainda "defendia um papel ativo do Estado como promotor do livre-mercado". Segundo o seu biógrafo Daniel Piza para Francis

7 - Para ler as opiniões de Francis neste ponto ver: Piza, 1996 e Oliveira, 2017.

> como para Roberto Campos [...] o governo tinha de ser 'como um guarda de trânsito', limitando-se a coordenar isto e aquilo para compensar distorções inerentes à livre competição. Não chegava a defender o Estado 'mínimo' e até criticou o próprio Hayek por defende-lo: 'O Estado pode corrigir injustiças sociais e corrige nos países civilizados, na medida do possível. Hayek não admite isso. À sua maneira é tão radical quanto Marx. O meio termo é a medida certa". (FRANCIS, Paulo *apud* PIZA, 2004, p. 86)

Por fim, resta dizer que o meio termo a que se refere Francis talvez seja um híbrido entre, de um lado, um conservadorismo situacional no qual "um desafio importante aparece contra as instituições estabelecidas", sendo este desafio a chegada da democracia, dos movimentos sociais ou a presença e ascensão das massas ao poder político, econômico e cultural. O conservadorismo de Paulo Francis é o mesmo, ou ao menos se nutre do mesmo conteúdo daquele de Edmund Burke[8], intelectual que possuía um respeito pela tradição nem sempre reacionário, "recorrendo ao mesmo argumento em favor dos velhos direitos". O conservadorismo de Burke, segundo Merquior, era politicamente liberal e também economicamente moderno. O próprio Adam Smith o elogiou "por sua perfeita compreensão da economia liberal". (MERQUIOR, 1991, p. 11). Por outro lado, estaria a defesa de um de liberalismo clássico em termos políticos e civis que é contrário "ao controle religioso da sociedade e ao estabelecimento da agenda de prioridades públicas por qualquer poder transcendente à sociedade", tal como pôde ser verificado acima na maneira como o jornalista se colocava contra os movimentos feministas e LGBT e no seu posicionamento contrário a Israel.

Com relação à definição do conceito democracia, tomando como referência o estudo de Norberto Bobbio (1986), é possível afirmar que Francis não acreditava na democracia enquanto algo estritamente necessário para a conquista da liberdade. Bobbio (1986) não faz exatamente uma definição de democracia, mas trabalha com a ideia de ser este sistema político algo que possui "o estar em transformação como seu estado natural". Por isso fala a respeito do futuro da democracia e de suas transformações "sob a forma de promessas não cumpridas

8 - Há um certo consenso na literatura sobre o tema de que o primeiro estímulo do pensamento conservador teria vindo da Inglaterra com Edmund Burke e a publicação de seu livro Reflexões sobre a revolução na França (*Reflections on the Revolution in France* de 1790).

ou de contraste entre a democracia ideal tal como concebida por seus pais fundadores e a democracia real em que com maior ou menor participação, devemos viver cotidianamente". Para este autor

> O único modo de se chegar a um acordo quando se fala de *democracia, entendida como contraposta a todas as formas de governo autocrático*, é o de considera-la caracterizada por um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem quem está autorizado a tomar as decisões coletivas e com quais procedimentos. (BOBBIO, 1986, p. 18, com grifos meus)

A ênfase de Bobbio é dada, portanto, nos processos de tomadas de decisão coletivas, de forma que as regras do jogo estejam sempre bem claras para que o próprio jogo democrático possa acontecer.

Para o jornalista Paulo Francis a liberdade é extremamente necessária, mas a democracia é algo que ele detesta, porém acaba suportando. Ao se referir ao dramaturgo Bernard Shaw Francis escreveu:

> Talvez como Bernard Shaw eu não acredite no mal verdadeiro e sua erupção sempre me espante. [...] Shaw generosíssimo como pessoa, não podia conceber que alguém fosse intrinsecamente perverso. Era um defensor da liberdade, mas detestava a democracia. Quem de nós não, em silêncio? Mas aguentamos, porque sem democracia não há liberdade. (FRANCIS, Paulo. Diário da Corte. *O Estado de São Paulo*, Caderno 2, 12/09/1994)

Em outro momento, Francis se refere à democracia como algo que não passa de um mito bem vendido pelos comerciais:

> Liberdade é uma possibilidade no nosso mundo e merece ser defendida de todas as formas. O que inclui liberdade econômica. Mas o mito da democracia, como os comerciais que vemos *ad nauseam*, continua tão divulgado, batido, que é difícil encontrar alguém que o conteste, o que é até considerado prova de mau caráter e de "vocação fascista" nos círculos mais doidivanas.

> (FRANCIS, Paulo. Diário da Corte. *Folha de São Paulo,* Ilustrada, 11/09/1988)

O assunto liberdade-democracia se repete numa entrevista feita pelo jornalista Hamilton dos Santos, publicada no jornal *O Estado de São Paulo* no ano de 1994, quando do lançamento do livro de Paulo Francis sobre o golpe militar, *Trinta anos esta noite*. A certa altura da entrevista Hamilton dos Santos declara que, no livro, Francis afirma que

> o 64 começou com uma defesa de uma revolução comunista inexistente. [...] JK foi a Escola Superior de Guerra pedir que esta instituição se dedicasse ao estudo [...] de uma potencial ameaça subversiva de forças sociais desencadeadas pela modernização contra a ordem vigente. [...] Foi quando o aparato repressivo do Estado cresceu e as forças armadas passaram a se preocupar menos com a defesa do território que com a repressão ideológica. [...] É aceitável pensar que o 1964 começa aqui (na criação da Escola Superior de Guerra) e que JK teria aumentado a cultura golpista nas forças Armadas? (SANTOS, Hamilton. *O Estado de São Paulo*, Caderno 2, 19/03/1994)

Então Francis responde:

> JK cometeu talvez um enorme erro como mostro no meu livro em fazer o PSD, partido majoritário no Congresso de que era líder votar em Castelo Branco. Digo "talvez" porque mais e mais me convenço que a modernização do Brasil é extremamente difícil em plena democracia. Gosto de liberdade. Posso viver sem democracia. (FRANCIS, Paulo. Diário da Corte. *O Estado de São Paulo*, Caderno 2, 19/03/1994)

A seguir, farei a análise do discurso antipetista e anticomunista do jornalista Paulo Francis, o que evidenciará melhor o seu aspecto conservador liberal, pois que principalmente demofóbico.

Antipestismo e o discurso ideológico do jornalista Paulo Francis

A construção da "identificação partidária negativa" (BORBA, CARREIRÃO, RIBEIRO, p. 603) do PT (Partido dos Trabalhadores) pela imprensa provavelmente tem início juntamente com a formação e criação do partido em 1980. Mas parece que as eleições de 1989 representam um marco neste sentido. Segundo o professor Fernando Azevedo (2016)

> Tanto as manchetes quanto os editorais dos principais diários da grande imprensa, entre 1989 e 2014, foram predominantemente negativos para o PT, seus candidatos presidenciais e os governos petistas instalados em Brasília a partir de 2003. Estes dados corroboram e reforçam as principais análises da literatura especializada, que apontam uma cobertura eleitoral desfavorável aos petistas nos principais jornais e na TV Globo nas eleições presidenciais desde 1989. Tanto a revisão da literatura quanto os dados do nosso levantamento sustentam a afirmação que a grande imprensa brasileira manteve, durante os períodos eleitorais, não só uma posição crítica em relação ao PT e ao petismo, nos editoriais, como uma cobertura jornalística enviesada e desfavorável. (AZEVEDO, 2016, p. 132)

Segundo o historiador Rodrigo Perez Oliveira (2018) há três tipos de antipetismo, ou pelo menos três momentos históricos do antipetismo – e em todos estes momentos a imprensa exerce uma influência fundamental para a sua formação. O primeiro na década de 1980; o segundo na década de 1990 a partir do alinhamento do PSDB com o Consenso de Washington e as eleições de 1994; e o terceiro que seria um renascimento destes dois momentos, principalmente, a partir das eleições de 2018 que trouxe a vitória do candidato de extrema direita Jair Bolsonaro. Este trabalho tenta abarcar os dois primeiros momentos.

Retornando ao jornalista Paulo Francis, este, ao longo de seus quase 50 anos de carreira, foi um jornalista que construiu um personagem de si mesmo, engraçado e caricatural, transformando-se no fim da vida na década de 1990 em um grande *show man* do jornalismo brasileiro. Este personagem era o polemista, sempre ilustrado e bem informado, mas que nunca se posicionou bem e claramente em termos políticos e ideológicos. Como bem notou Eduardo Sterzi

(2000) "se o Francis comunista podia ser escandalosamente elitista em seus gostos e posições, o Francis conservador também se mostrou eivado de um anarquismo insopitável".

Segundo Alexandre Batista (2015)

> Os principais elementos do polemismo, vistos na imprensa, têm sido o cinismo, a violência verbal e a ênfase na ironia, sendo a linguagem ferina uma característica fundamental. Desse modo, estimulam-se ou até criam-se casos aparentemente banais, mas que acabam tomando uma proporção maior do que a expectativa comum poderia supor, por meio de ataques a pessoas, a grupos ou a organizações político-partidárias e movimentos sociais. É então que se evidencia o caráter político da postura polemista. [...] (BATISTA, 2015, p. 213)

Paulo Francis desde o início de sua carreira nos anos 1960 sempre se colocou contra tudo e todos de maneira ora cínica, ora agressiva, ora cômica. Em alguns casos, como na polêmica com a atriz brasileira Tônia Carreiro[9] agiu de maneira impiedosa e cruel. Após o fracasso com a recepção de seus romances (*Cabeça de Papel e Cabeça de Negro*) entre a crítica brasileira especializada no final da década de 1970, vai pouco a pouco e cada vez mais dirigindo seus ataques, de maneira incisiva e preconceituosa, contra a esquerda e os "esquerdismos".

Ainda no ano de 1980 (ano da fundação do Partido dos Trabalhadores), quando da publicação de seu livro de memórias, *O afeto que se encerra* (1980), Francis declarou considerar-se um intelectual de esquerda, mas que, contudo, considerava o comunismo intolerável e o capitalismo incorrigível como podemos entender no trecho a seguir.

> Aos 50 anos, politicamente, continuo de coração na esquerda. [Porém] minha cabeça me lança sinais contraditórios (por causa do Stalinismo). [...] Nenhuma racionalização me fará participar de um movimento (o Stalinismo) que mate 10 milhões de seres

[9]Em 1958 o jornalista escreve a respeito desta atriz uma coluna na qual a ofende com frases como "nunca dormimos juntos que eu me lembro", insinuando que a mesma havia chegado ao estrelato por vias duvidosas e machistas, dando início de fato à construção de seu personagem como polemista.

> humanos pela causa. [...] Sei e digo que essa morte é mais rápida do que o extermínio crônico e lento, agônico, de dois bilhões de pessoas (que vivem em extrema pobreza vítimas do capitalismo). É, portanto, menos cruel. Mas não aguento. [...] Sou assim, fiquei assim e não abro. (FRANCIS, 1980, p. 169, com inclusões minhas)

Entretanto, em pouco menos de uma década, o seu discurso mudaria radicalmente o tom. Ainda em 1981, por ocasião de uma viagem de Lula à Europa e aos EUA, em resposta ao seu julgamento de prisão por comandar uma greve na região do ABC em São Paulo, Francis escreveu:

> Lula não é bobo. Chamei-o numa ocasião de o primeiro líder sindical brasileiro da era das multinacionais. Não é outra coisa. Em vez de levar o caso a ditaduras stalinistas, onde não existe liberdade sindical de espécie alguma, exceto a admitida pelo decrépito e corrupto PC, Lula foi a João Paulo II, aos líderes do único PC do mundo levável a sério, o italiano [...], aos socialistas, aos social-democratas, aos sindicalistas do mundo ocidental capitalista. (E para todos estes) [...] o processo contra Lula foi considerado uma contravenção da rotina trabalhista no mundo ocidental capitalista. [...] O direito à greve é sagrado. [...] O que Lula pretende é o direito à reivindicação sindical, dentro das leis que permitam e garantam o direito à greve, como arma normal do sindicalismo. O governo Figueiredo, se quer ser admitido no clube do Primeiro Mundo, e ninguém menospreza a abertura brasileira até onde vai, deveria enfrentar essa realidade antes que a enfrente de maneira danosa pra o Brasil. (FRANCIS, Paulo. Viagem, teste que não deve ser ignorado. *Folha de São Paulo*, 11/02/1981)

Já em 1986, apenas cinco anos mais tarde, seu anti-esquerdismo já atingirá a figura de Lula misturando-se ao seu antipetismo:

> Admirei Lula quando apareceu. Enfim, um líder sindical que cuidava do pão e manteiga dos trabalhadores, o que é essencial à

> modernização capitalista (sic) do Brasil. Durou pouco. Lula me parece ter sido envolvido pela grã-finagem esquerdista do Morumbi e adjacências [...] (FRANCIS, Paulo. Prefeitos de São Paulo e Rio. *Folha de São Paulo*, Ilustrada, 16/08/1986)

Segundo Francisco Fonseca (2005) as duas crises do petróleo em 1973 e 1979 – além de destronarem a hegemonia mundial do modelo econômico fordista/keynesiano e levarem pouco a pouco os estados nacionais a adotarem o modelo de acumulação flexível (neoliberalismo), - geraram no Brasil "alta da inflação e outras "disfuncionalidades" na economia." Daí que profundas transformações econômicas se farão concomitantes com profundas transformações nas relações sociais e laborais, na estrutura mesmo das empresas capitalistas a partir da: 1 – "introdução de novas tecnologias (sobretudo a informática e a robótica)"; 2 – " transformação da ordem internacional e à maior interdependência das economias nacionais, em razão do acaso do socialismo, expandindo o capitalismo para quase todos os países do globo". (FONSECA, 2005) Tais transformações atingirão "fortemente a indústria da notícia, tendo em vista a necessidade desta em fazer circular com rapidez as notícias. Sobretudo os grandes jornais serão concitados a reestruturar seu parque editorial, com reflexos importantes em suas posições ideológicas". (FONSECA, 2005) O ponto central da análise de Fonseca (2005), em importante estudo sobre o assunto ideologias e imprensa, é que a grande imprensa nacional, a partir de meados da década de 1980 passou a disseminar e vulgarizar o que chamou de ideologia ultraliberal (não conceituada nos mesmos termos deste trabalho) no Brasil, o que sem dúvida, tem relação com a vitória de Fernando Collor nas eleições de 1989 – o candidato das elites que, enfim, colocaria aquela ideologia em prática.

Para além destas transformações estruturais pelas quais passava o mundo e, consequentemente, a própria organização do jornalismo brasileiro enquanto indústria e empresa neoliberal, uma das respostas possíveis para mudança tão profunda de discurso pode estar nos embates polêmicos travados por Paulo Francis com os críticos de seus romances. Resposta no sentido sociológico tal como proposto por Norbert Elias (1995) em que Francis "só emergirá claramente como ser humano quando seus desejos forem considerados no contexto de seu tempo", desejos estes "sempre dirigidos para outros, para o meio social" (ELIAS, 1995, p. 5-13). E se Francis possuía algum sonho ou grande desejo de realizar em vida, este era o de ser um grande escritor, e não apenas jornalista, de altíssimo nível.

Ainda no final da década de 1970 o jornalista lançou-se como romancista, e escreveu uma trilogia de romances[10] onde sintetizaria a discussão, segundo ele mesmo, "paradigmática dos problemas da esquerda depois de Stálin e na sua relação específica à condição brasileira". (FRANCIS, 1980, p. 11) Tal trilogia, composta por dois romances, *Cabeça de Papel* (1977) e *Cabeça de Negro* (1979), e concluída postumamente com a publicação de *Carne Viva* (2008), não tiveram à época de sua publicação uma boa recepção entre os grandes nomes da crítica literária brasileira como José Guilherme Merquior e Antônio Cândido. Embora tenham vendido bem, pessoalmente para Francis, a recepção de ambos foi bastante desoladora. Em seu livro de memórias, *O afeto que se encerra* (1980), o jornalista confessa que após esta recepção negativa pensou seriamente em cometer suicídio.

Os embates mais polêmicos deram-se com o ensaísta, diplomata e crítico José Guilherme Merquior (1981), e Francis irá cruzar a primeira metade da década de 1980 "entre ataques e até mesmo embates ruidosos" (SÁ, 2012, p 15) contra ele. Neste momento começa a ser construído seu discurso de ojeriza e perseguição à Academia em geral, mas principalmente aos professores universitários que segundo ele seriam adeptos de um unilateral discurso esquerdista (o que é mais interessante, não era o caso de Merquior que pode ser considerado como um dos maiores nomes da crítica literária de direita) especialmente os lukacsianos (em referência ao filósofo Georg Lukács) e os gramscianos (em referência ao marxista Antônio Gramsci). A partir daí o jornalista vai pouco a pouco

> nomeando as supostas "esquerdas" de que se queixava. Em seu discurso sobressai uma posição de autoridade, de quem conhecia os grupos de esquerda e poderia atestar-lhes a ignorância ou a inocência. [...] Dizia ter pena da USP (Universidade de São Paulo) e do Brasil pelos analfabetos que tinham. Insiste nesta desqualificação em várias colunas, escrevendo com virulência contra seus críticos literários, dizendo que eram 'vagabundos', que

[10]As demais obras ficcionais produzidas pelo jornalista são duas novelas 'Mimi vai à guerra' e 'Clara, Clarimunda...', publicadas sob o título geral de Filhas do segundo Sexo. Para saber mais sobre o projeto literário de Paulo Francis ver: LANIUS, Eduardo de Oliveira. *O profeta desacreditado: uma leitura do projeto ficcional de Paulo Francis*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) Programa de Pós-Graduação em Letras de Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

> arrumavam empregos em universidades, ao custo dos impostos de gente como ele, que trabalhavam. (BATISTA, 2015, p. 200)

Na segunda metade da década de 1980 o jornalista caracteriza "a esquerda brasileira (intelectuais, acadêmicos, membros e ex-integrantes do PCB) como autoritária e retrógrada" (BATISTA, 2015, p. 205). No ano de 1984 escreveu em seu *Diário da Corte:*

> A esquerda quer é uma ditadura da vanguarda que ensine o povo a detestar o consumismo e a praticar a fraternidade, o que exige a abolição da propriedade privada como primeiro passo. Duvido muito que seja isso que a maioria do povo brasileiro quer. [...] O Brasil precisa de uma revolução capitalista. [...] Mas há esquerdas e esquerdas. A esquerda dominante em nossos meios intelectuais não tem senso de realidade. É fantasista e religiosa. Acredita em milênios. Eu não. Acho que o processo de evolução é complexo e difícil. Não tenho "banzo" por Estados ideais. (FRANCIS, Paulo. O Brasil de Goulart. *Folha de São Paulo*, Ilustrada, 14/04/1984)

Além do teor anti-esquerdista do discurso ideológico de Paulo Francis, há também o seu conteúdo anti-comunista. Segundo o historiador Rodrigo Perez Oliveira (2018) o traço mais importante do primeiro tipo de antipetismo surgido na década de 1980 é justamente o anticomunismo. Neste momento o que se tem é um antipetismo ainda

> marcado pelo anticomunismo típico dos tempos da Guerra Fria, algo que na bibliografia especializada costuma ser chamado de "marcarthismo". [...] Na época, Lula era pintado pela grande mídia como um revolucionário comunista que atacaria a propriedade privada. [...] O curioso é que em nenhum momento dos últimos 30 anos, o PT nem sequer chegou perto de ser comunista. No começo, a proposta era ser um partido capaz de libertar os trabalhadores da tutela do sindicalismo corporativo herdado da Era Vargas, assumindo claramente o compromisso com o respeito à ordem democrática. Por isso, os fundadores do PT falavam em um "novo sindicalismo". O objetivo do PT, lá na década de

> 1980, era construir hegemonia na sociedade civil e depois ganhar o território das instituições, no Legislativo e no Executivo, sempre por meio do voto e dos ritos da democracia liberal representativa. (OLIVEIRA, 2018)

No ano de 1986 Francis refere-se ao PT (Partido dos trabalhadores) como "o PC (Partido Comunista) da nova geração" e "um partido não da classe operária, mas da esquerda do Morumbi". (BATISTA, 2015, p. 221) Em seguida, no contexto das eleições de 1989, temos o ponto alto do seu deslocamento ideológico, que enfim, completara-se. Fazendo uso do ambiente de crise nos países do Leste Europeu passa a "desqualificar qualquer que fosse a alternativa que se aproximasse de uma proposta de esquerda". (BATISTA, 2015, p. 222) Assim escreve tentando relacionar a queda do muro de Berlim com o contexto brasileiro e uma suposta estatização comunista da economia nacional:

> [...] Por que o comunismo está acabando? Por que levou a extremos o estatismo brasileiro. Tomou conta da produção. Isso já não funciona. Comprovado. Há sempre "mordomias" do governo e negligências e desinteresse pelo que o consumidor quer. E resolveu estatizar também a vida social das pessoas. Não se dá um passo sem consentimento da polícia. Não se pode fazer isso e aquilo. Não se pode ler o que o governo não quer. Ninguém aguenta. Foge quem pode. (FRANCIS, Paulo. Chamaram o meu boi... *Folha de São Paulo*, Ilustrada, 09/11/1989)

Ainda no primeiro turno destas eleições há até mesmo "uma indefinição de Francis quanto ao apoio de um nome ou partido à presidência da República. Existia apenas uma certeza: a de rechaçar a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT". (BATISTA, 2015, p. 222) Na mesma coluna citada acima, alguns dias antes do primeiro turno acontecer, ainda escreve o jornalista:

> Já um bestalhão como o Lula é capaz de acreditar que o Brasil – expropriados os ricos – poderia ser um país em que cada um tivesse o suficiente para viver. A burrice brota em cada calça entre os paralelepípedos. É espontânea. (FRANCIS, Paulo. Chamaram o meu boi... *Folha de São Paulo*, Ilustrada, 09/11/1989)

Ou seja, o antilulismo e antipetismo do jornalista tornam-se agora mais do que prementes, inclusive, o jornalista não está só, mas em uníssono quase absoluto com o restante da imprensa hegemônica nacional uma vez que "a busca por um candidato consensual de direita começa a ganhar 'caráter de urgência', devido à possibilidade de haver um segundo turno entre dois candidatos da esquerda, Lula do PT e Leonel Brizola do PDT". (BATISTA, 2015, p. 225)

Desta forma, a imprensa, tomada em seu conjunto, através de seus jornalistas, chamadas de capa e editoriais vai pouco a pouco dando "nomes aos bois", criando uma agenda conservadora liberal cada vez mais nítida, mas que principalmente passava a nomear aquilo que ainda era inominável: a intolerância ao PT (Partido dos Trabalhadores) e tudo o mais que este partido representa: democracia, direitos sociais, redistribuição de renda, fim dos privilégios, empoderamento de minorias historicamente constituídas, etc.

E o que melhor nomeia o inominável é o discurso politicamente incorreto, visto como "postura intelectualmente corajosa ou desafiadora do senso-comum, e elemento central do polemismo". (BATISTA, 2015, p. 213) A relação de Francis com seu público leitor se retroalimentava através deste importante contrato de leitura: um discurso polemista e politicamente incorreto pautado no uso cada vez mais recorrente de palavras de baixo calão e termos preconceituosos que justificava-se pelo direito de Francis, segundo ele próprio, de "exercitar no Brasil o direito de liberdade de imprensa [...] algo também segundo ele próprio melhor desfrutado nos EUA". (BATISTA, 2015, p. 220)

Após o primeiro turno das eleições de 1989 e há menos de um mês para ocorrer o segundo turno, temos o artigo escrito por Francis que lhe renderia uma de suas últimas polêmicas, além de sua saída compulsória do jornal *Folha de São Paulo*:

> Mais um amigo por dentro e inteligente com quem almoço. [...] Pergunto-lhe quem vai ganhar a eleição. Lula. Temos de ir ao fundo do poço. Chafurdar. [...] Lula nos coloca *au niveau* de Cuba e Nicarágua. É uma besta quadrada. Não sabe de nada do que está falando. Vai usar o dinheiro dos juros da dívida – que não pagamos – para aumentar o salário mínimo dos trabalhadores. Não dá. [...] Lula arruinaria o país, nos transformaria em Sudão, numa grande bosta. [...] Adverti daqui o leitor de que não dissesse "pior do que Ribamar não pode haver". Há Lula. Os "pe-

> telhos", Erundiina, que se parece com Jeff Chandler, a República do paraíba, do pé-rapado, e como diz Veja, Lula se assemelha ao eleitor médio... (FRANCIS, Paulo. A grande tonteria. Folha de São Paulo, Ilustrada, 23/11/1989)

Quando Francis se refere a Lula como pior do que Ribamar – um nome característico da região nordeste brasileira – está fazendo menção ao segundo nome do político brasileiro José Sarney – que assumiu a presidência da República após a morte de Tancredo Neves em 1985. Assim como está o tempo todo fazendo referências à origem de nascimento de Lula, que é nordestina como a de Sarney, e de Luíza Erundina (à época prefeita de São Paulo), além de menções depreciativas com República da Paraíba (um estado do nordeste brasileiro) e do pé-rapado, ou seja, dos pobres.

Por fim, a demofobia também racista de Paulo Francis chegará ao ápice com a seguinte declaração, feita logo após a vitória de *Collor* no segundo turno das eleições de 1989:

> Collor fala como a gente, isto é, como as pessoas com quem convivo. [...] É alto, bonito e branco, branco ocidental. É outra imagem do Brasil, com que fui criado, francamente. Se um marciano descesse no Brasil e visse o presidente, diria "putz, o Brasil deve ser um país formidável". É um julgamento estético, por certo, mas que julgamento e que veredicto fazer, por exemplo, de Ribamar? Cruz-credo, te esconjuro. (FRANCIS, Paulo. Collor de Melo. *Folha de São Paulo*, Ilustrada, 27/01/1990)

Considerações finais

Neste trabalho, partindo de uma modesta contextualização do antipetismo como uma possível chave explicativa do principal aspecto do discurso conserva-

dor liberal, a demofobia[11], tentei ajudar na compreensão de um movimento político extremamente heterogêneo que diversos autores, em diferentes contextos, deram o nome geral de Nova Direita[12].

Outra hipótese sustentada foi que esta Nova Direita, colocada na maior parte dos trabalhos a seu respeito, como algo recente, já tivesse "mostrado a sua cara" (CRUZ, 2015, p. 13) muito antes do que se imagina, antes mesmo da Ditadura Militar, de fato, chegar ao fim. Pela leitura das colunas do jornalista Paulo Francis é possível perceber que, ao menos uma fração da direita – melhor caracterizada como direita "Plural" pelo estudioso Fábio Gentile (2018) – já nas décadas de 1980-90 se caracterizava como conservadora liberal, sendo fundamentalmente neoliberal e antipetista (demofóbica), portanto, carregando dois conteúdos, não inéditos, no pensamento político brasileiro, mas agora articulados de uma maneira nova. Nova porque até o alvorecer do século XX, liberalismo e conservadorismo eram visões de mundo antagônicas que interpretavam cada uma à sua maneira conceitos como liberdade, igualdade e a função do Estado. Segundo o cientista político Álvaro Bianchi (2015) "quem está familiarizado com a história do pensamento político brasileiro conhece a secular oposição entre conservadores e liberais que caracterizou boa parte de sua história desde a Independência". Ou seja, o que é o novo, e talvez nem tão novo assim, pois que remonta ao alvorecer do século XX, e só estudos futuros poderão confirmá-lo melhor, é a mistura operada pelos conservadores liberais e neoliberais, e mais recentemente, pelos neoconservadores e ultraliberais entre duas ideologias, conservadorismo e liberalismo, que eram em sua origem clássica e europeia plenamente imiscíveis. Mas de qualquer forma, enganam-se

> aqueles que porventura creiam que a trajetória da direita entre nós está começando agora. [...] O radicalismo é que historicamente foi a exceção entre nossos homens de ideias. [...] Assim, a direita, ou melhor, as direitas têm no Brasil uma longa história,

[11]O conceito é retirado de trabalho produzido pela pesquisadora Thais Aguiar (2011) que acredita que "a teoria democrática se reinventou na modernidade tendo em relevo o medo das massas" (p. 619), processo que dará o nome geral de "demofobia".

[12]Os autores lidos e utilizados neste trabalho foram: Cruz (2015); Chaloub e Perlatto (2018); Fernandes e Messenberg, 2018; Fernandes e Vieira, 2019; Lacerda (2019); Pierucci, (1987); Rocha (2019).

> sem a qual a atual onda reacionária se torna incompreensível, como "um raio em céu azul". (KAYSEL, 2015, p. 49)

O jornalista Paulo Francis muito se assemelha e até mesmo é utilizado como inspiração para alguns dos "intelectuais portadores de uma retórica mais virulenta, combativa e militante, e que se assumem abertamente de direita" (CHALOUB; PERLATTO, 2018, p. 9) nos dias atuais, como Diogo Mainardi e Luiz Felipe Pondé, ou mesmo os ultraliberais pertencentes a contra públicos digitais como trazido por Rocha (2019). Na verdade,

> se dizer 'de direita' significava algo pejorativo e a se evitar nos anos 1980-1990 tanto em meio a políticos de profissão quanto a cidadãos comuns. [...] Em seus estudos da década de 1980, Pierucci já empregava o termo 'nova direita', tão em voga na atualidade entre acadêmicos e demais agentes que intentam capturar o significado dessa suposta novidade. (PIERUCCI, 1987 *apud* FERNANDES, MESSENBERG, 2018, p. 4)

Ademais, não foram apenas os *Think Thanks* que disseminaram a doutrina neoliberal no país, mas também contribuiu para tanto um intelectual deslocado como é o caso de Francis. Este, embora não pertencendo a nenhum *Think Thank*, teve um papel de fundamental importância na disseminação destas ideias e a construção do discurso antipetista no país a partir do que escrevia na imprensa e sua recepção entre um público que, embora pequeno e provavelmente pertencente em maior parte à classe média, o idolatrava.

Provavelmente uma mudança significativa com relação à esfera pública jornalística de hoje com a do passado recente é a presença da internet e da World Wide Web "que tiveram um impacto extraordinário na economia política da indústria global de notícias". Notícias que foram, a partir de então, profundamente transformadas em sua histórica maneira de serem coletadas, processadas e disseminadas. (DICKINSON, 2013, p. 2, tradução minha). As redes sociais, por exemplo, inexistiam enquanto Paulo Francis viveu, e talvez seja por conta delas que hoje a direita pareça, à primeira vista, promover mais "barulho" do que há trinta anos atrás.

RECEBIDO EM 18/11/2021
APROVADO EM 09/02/2022

Referências

AGUIAR, Thaís Florencio de. *A Demofobia na Democracia Moderna*. In: **DADOS** – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 54, nº4, 2011, p. 609-650

AZEVEDO, Fernando Antônio Farias de. *A grande imprensa brasileira: paralelismo político e antipetismo (1989-2014).* Tese (Titular em Ciência Política) Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos: RS, 2016

BATISTA, Alexandre Blankl. *Do trotskismo ao ultraliberalismo: a trajetória de Paulo Francis na imprensa brasileira (1962-1997).* Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre: RS, 2015

BIANCHI, Álvaro. *Conservadorismo-liberal: uma nova linhagem do pensamento político*? In: **BLOG JUNHO**, 02 de novembro de 2015. Disponível em: http://blogjunho.com.br/conservadorismo-liberal-uma-nova-linhagem-do-pensamento-politico/. Acesso em: 28 de setembro de 2021

BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

BORBA, Julian; CARREIRÃO, Yan; RIBEIRO, Ednaldo. *Sentimentos partidários e antipetismo: condicionantes e covariantes*. In: **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, vol. 22, nº 3, dezembro, 2016

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. *A nova direita brasileira: ideias, retorica e pratica política*. In: **INSIGHT INTELIGENCIA**, ano XIX, n. 72, jan-mar./ 2016, p. 25-41

CRUZ, Sebastião Velasco. Elementos de reflexão sobre o tema da direita (e esquerda) a partir do Brasil no momento atual. In: CRUZ, Sebastião Velasco et al. (Orgs.). *Direita, volver!: o*

retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 13-48

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.* São Paulo: Boitempo, 2016

ELIAS, Norbert. *Mozart: Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; MESSENBERG, Debora. Apresentação: um espectro ronda o Brasil (à direita). In: **PLURAL** - Revista de Ciências Sociais, v. 25, n. 1, 2018, pp. 1-12

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; VIEIRA, Allana Meirelles. A direita mora do mesmo lado da cidade: Especialistas, polemistas e jornalistas. **Novos estud. CEBRAP** [online]. 2019, vol.38, n.1, pp.157-182

FISCHER, Luís Augusto. Inteligência em ação; O legado Paulo Francis. In: _____. *Para fazer diferença*. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1998

FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.
_____. *Trinta anos esta noite: o que vi e vivi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREEDEN, Michael. *Ideologies and political Theory: a conceptual aprroach*. New York: Oxford Clarendon Press, 1996
_____. *Ideology: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2003

FRIDERICHS, Lidiane Elizabete. *A importância dos Think Tanks para a divulgação do neoliberalismo no Brasil*. In: **FACES DE CLIO** – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFJF, Juiz de Fora, v. 2, n. 4, jul/dez. 2016.

GENTILE, Fábio. *A direita brasileira em perspectiva histórica*. In: **PLURAL** – Revista de Ciências Sociais, v. 25, n. 1, p. 92-110, 14 ago. 2018.

JUDT, Tony. O silêncio dos inocentes: sobre a estranha morte da América Liberal. In: _____. *Reflexões sobre um século esquecido, 1901-2000*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 426-435

HABERMAS, Jürgen. A crítica neoconservadora da cultura nos Estados Unidos e na Alemanha. In: *A nova obscuridade: pequenos escritos políticos*. São Paulo: Unesp, 2015.

KAYSEL, André. Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: CRUZ, Sebastião Velasco et al. (Orgs.). *Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 49-74

KUCINSKI, Bernardo. O método Paulo Francis. In: CHIAPPINI, Ligia. DIMAS, Antonio. ZILLY, Berthold (Orgs.) *Brasil, país do passado?* São Paulo Edusp: Boitempo, 2000, p. 276-285. Disponível em: http://kucinski.com.br/visualiza_noticia.php?id_noticia=407 . Acesso em: março de 2016

LACERDA, Marina Basso. *O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro.* Porto Alegre: Zouk, RS, 2019

LYNCH, Christian. *"Nada de NOVO sob o Sol": teoria e prática do neoliberalismo brasileiro*. In: **INSIGHT INTELIGÊNCIA**, ano XXIII, Nº 91, outubro/novembro/dezembro, 2020

MERQUIOR, José Guilherme. Crítico à vista: com a imaginação da liberdade. In: _____. *As ideias e as formas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
_____. *O liberalismo: antigo e moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

MOURA, George. *Paulo Francis: O soldado Fanfarrão*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1996

NISBET, Robert. *O conservadorismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987

NOGUEIRA, Paulo Eduardo. *Paulo Francis: polemista profissional*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Laís. *Paulo Francis, um conservador liberal*. Dissertação (Mestre em Ciências Sociais) Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Juiz de Fora: MG, 2017

OLIVEIRA, Rodrigo Perez. *O bolsonarismo se apropriou do antipetismo cultivado e alimentado desde 1989*. In: **JORNALISTAS LIVRES**, 14 de outubro de 2018. Disponível em: https://jornalistaslivres.org/a-refundacao-do-antipetismo/. Acesso em: 17 de julho de 2020

PIERUCCI, Antônio Flávio. *As bases da nova direita*. In: **NOVOS ESTUDOS**, nº 19 – dezembro de 1987

PIZA, Daniel. (Org.). FRANCIS, Paulo. *Waaal: o dicionário da corte de Paulo Francis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
_____. *Paulo Francis: brasil na cabeça*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

ROCHA, Camila. *'Menos Marx, mais Mises': uma gênese da nova direita brasileira* (2006-2018). Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RODRIGUES, Leandro Garcia. *Cartas que Falam - Ensaios sobre Epistolografia*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2016.

SÁ, Nelson de. (Org.). *Diário da Corte: crônicas do maior polemista da imprensa Brasileira*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. A práxis liberal no Brasil. In: *Décadas de espanto e uma apologia democrática*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

STERZI, Eduardo. *A dialética da impiedade: Paulo Francis*. In: **JORNAL DA UNIVERSIDADE** (UFRGS), Porto Alegre, v. 28, 2000.